

**25 ANOS DA REVISTA PROJECTARE:
entrevista com Jeronimo Verneti**

**25 YEARS OF PROJECTARE MAGAZINE:
interview with Jeronimo Verneti**

Jeronimo Verneti¹

www.jeronimovernetti.com

Isadora Baptista Alves²

isadorabaptistaalves@hotmail.com

Franciele Fraga Pereira³

franfragap@gmail.com

Cíntia Gruppelli⁴

cintiagruppelli@gmail.com

Amanda Pereira dos Santos⁵

amanda.pereira.santos@outlook.com

¹ Arquiteto graduado pela FAURB/UFPe em 2001, com formação em Design pela Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne (Master 1, 2015). Desenvolveu sua trajetória entre a arquitetura, o design e o paisagismo, atuando no sul do Brasil, em Lisboa e em Dubai. Radicado na França desde 2014, fundou em Paris, em 2017, o seu próprio escritório, especializado em arquitetura de interiores.

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU/UFPe). Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU/UFPe/2021) e Arquiteta e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (UFPe/FAUrb/2019).

³ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMSPC/UFPe). Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU/UFPe/2023) e Arquiteta e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (UFPe/FAUrb/2020).

⁴ Doutora em Educação Ambiental pelo PPGEA/FURG (2024). Mestre em Educação pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia - IFSul Pelotas-RS (2016). Especialista em Gráfica Digital pela UFPe (2008). Graduada em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela UCPe (1999). Técnica em Artes Gráficas na UFPEL. Coordenadora Adjunta da Revista Projectare - FAURB/UFPEL.

⁵ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo FAURB/UFPe.

Apresentação

No ano de 2025 a Projectare - Revista de Arquitetura e Urbanismo comemora a marca de 25 anos da publicação de sua primeira edição. Essa segunda entrevista, realizada com Jeronimo Vernetti teve o objetivo de registrar memórias, reflexões e experiências relacionadas à criação e à trajetória do periódico. Juntamente com Maurício Polidori, Jeronimo foi editor da edição primogênita e um dos seus idealizadores. Nesse sentido essa entrevista busca documentar as lembranças e reflexões sobre essa experiência. A entrevista foi realizada remotamente, através de videoconferência, no dia 14 de agosto de 2025, teve duração de quarenta e um minutos, sendo gravada em áudio e transcrita pelas autoras. Para a elaboração deste texto, foram utilizadas ferramentas de inteligência artificial como recurso inicial de transcrição, sendo o texto posteriormente revisado e adequado pelos autores. Alguns trechos foram realocados e o texto reorganizado a partir de temas, com o objetivo de facilitar a compreensão pelo leitor. Notas de rodapé foram acrescentadas com informações consideradas complementares à fala do entrevistado.

| Como era a FAURB nos anos 2000. Qual era o contexto da FAURB, da universidade?

Eu me formei no início de 2001, então eu vivi a FAUrb da segunda metade dos anos 90. Quando ingressei na faculdade, ela funcionava ainda na Villa Santa Eulália, uma casa super simpática bem no final da rua XV de Novembro. A internet era uma coisa nova, desenhar com meios digitais era uma coisa nova, era um outro mundo. Não havia muita gente de fora da cidade, imagino que isso tenha mudado muito com o Enem⁶, mas na época nosso universo era bem local. Muitos dos meus colegas de faculdade tinham sido meus colegas de colégio. Era um mundo muito menor.

⁶ Exame Nacional do Ensino Médio. Inicialmente o ingresso de estudantes na UFPel se dava através de vestibular próprio, posteriormente, posteriormente a instituição aderiu o ingresso através da nota do ENEM, facilitando o ingresso de estudantes de diferentes regiões do país.

A casa pequena e o ambiente familiar favoreciam uma proximidade grande com os professores. Isso permitiu um crescimento grande, pessoal e profissional, para mim. Em outro contexto – penso na minha passagem pela universidade francesa, por exemplo – isso não teria sido possível. Os contatos, muitas vezes de amizade, com os professores foram valiosos. O Sylvio⁷, que é meu amigo até hoje; o Maurício⁸, que foi muito próximo nos meus anos de faculdade, embora eu tenha perdido um pouco do contato com ele depois que saí do Brasil; a Rosa e a Ana O.⁹, todos eles já estão aposentados.

Posteriormente, a faculdade se mudou para a antiga sede da COSULÃ¹⁰. Então a primeira metade do meu período na FAUrb foi na Villa Eulália e a segunda, na COSULÃ.

| O surgimento da revista

A revista foi uma iniciativa do PET - Programa Especial de Treinamento¹¹. Era um programa do Governo Federal, onde eram selecionados alunos com perfil para um futuro percurso acadêmico, uma carreira acadêmica. Eu era bolsista do programa. O PET funcionava numa micro sala, na Villa Santa Eulália. E aí, depois nos mudamos para a nova sede da faculdade, em uma sala maior. Foi nessa nova sede que a gente construiu a Projectare.

Foi uma ideia do Maurício, discutida em uma reunião do PET, e surgiu com a intenção de promover o que se produzia na faculdade, ter um lugar para publicar. Existia a revista da Universidade, mas era muito dura, muito técnica, e, historicamente, não tratava dos temas que nós debatíamos na FAUrb.

Havia a produção do PET, a produção dos laboratórios da faculdade, e quisemos criar um meio de divulgar esses trabalhos e também de se conectar com os pesquisadores de outros lugares. Enfim, um pouco desfazer essa regionalização que

⁷ Professor Sylvio Arnaldo Dick Jantzen, foi professor titular da FAUrb UFPel, já aposentado.

⁸ Maurício Couto Polidori, foi professor titular da FAUrb UFPel, já aposentado.

⁹ Ana Lúcia Costa de Oliveira, foi professora titular da FAUrb UFPel, já aposentada.

¹⁰ Cooperativa Sul-Rio-Grandense de Lã, também conhecida como COSULÃ, mantinha produção e comércio de lã em diferentes tipos e produtos até meados de 1990.

¹¹ Atualmente Programa de Educação Tutorial

havia, porque estávamos muito isolados, na verdade. Era um período ainda anterior à essa conexão radical com tudo e com todos que nós vivemos hoje. Acho que talvez tenha sido também isso: uma forma de vincular a faculdade com outras pessoas, outras coisas que aconteciam.

Nessa época, não havia ainda a pós graduação, não havia mestrado, não havia doutorado. Havia a graduação e só. Talvez uma das razões da revista ter surgido esteja ancorada também num desejo de todos nós da criação do programa que existe agora.

| Como foi o processo de elaboração da revista?

Tivemos a ideia e convidamos pessoas diretamente. Pedimos aos pesquisadores que eram próximos ao Maurício que colaborassem e também publicamos dois projetos de graduação. Não sei se essa prática se manteve, mas a ideia era reservar uma seção aos projetos finais de graduação.

Então, publicamos um artigo da Joana Barros, que foi aluna da faculdade e mora na Inglaterra atualmente. Romulo Krafka, um urbanista importante, orientador de mestrado do Maurício. Décio Riggatti publicou também, professor da UFRGS. A Aline, que é professora agora, estava fazendo um mestrado na época. A Natália, a Ana Paula. Mário Osório Magalhães, um importante historiador pelotense. A Rosa¹², minha professora e amiga, eu gostava muito dela. Nessa época, devia estar fazendo o doutorado.

Bom, era indispensável formar um corpo editorial. Então, pedimos ao Sylvio e à Ester¹³, que nessa época já eram doutores.

Eu fiz o design gráfico da revista, porque estava interessado nesse assunto naquela época. Nós recebemos os artigos e compilou-se tudo. Foi uma trabalhadeira desgraçada, porque eu não sabia fazer, não usamos um programa de editoração de textos. Na verdade, era um software de design gráfico. Não tinha continuidade entre

¹² Rosa Maria Garcia Rolim de Moura, foi professora da FAUrb UFPel, já falecida.

¹³ Ester Judite Bendjouya Gutierrez, foi professora titular da FAUrb UFPel, atualmente aposentada.

uma página e outra de texto, ou eu não sabia fazer, precisava separar as sílabas e as palavras à mão. Então, a produção da revista foi feita em conjunto, mas a parte gráfica e tudo que teve a ver com impressão, eu regi. Depois disso imprimimos tudo e relemos, eu, e o Maurício e o Sylvio também, se não me engano.

Além disso, precisávamos de recursos para poder imprimir a revista. Eu encontrei um mecenas disposto a financiar o projeto, meu amigo Antonio Krause, empresário pelotense. A revista foi impressa na gráfica da Universidade e eu escrevi – pelo correio – à Biblioteca Nacional para solicitar o registro do periódico e solicitar o ISSN¹⁴. E foi assim, diagramei e imprimi uma maquete para verificarmos se estava tudo certo, validamos a maquete e foi pra gráfica. Não sei qual foi a tiragem, mas foi uma tiragem pequena. Teve um coquetel para o lançamento que foi patrocinado pela universidade. Foi à noite, lá no hall da faculdade.

| De onde veio a discussão do nome da revista, teve alguma votação?

Lembro bem. Eu era super jovem, intelectualmente jovem também. E um dia, conversando com o Sylvio, ele me falou da origem da palavra “projetar”, que era *projectare*, que significa “lançar para a frente”. Eu pensei, é um bom nome para uma revista: lançar para a frente. Fiquei com aquilo na cabeça. Tinha um vínculo com a atividade de arquiteto. Então foi um pouco isso. Propus esse nome. Graças ao Sylvio, que foi quem me falou sobre a raiz da palavra projetar.

| Quais foram os maiores desafios para fazer essa revista acontecer?

Honestamente, não lembro de grandes desafios. Na época, era um monte de gente envolvida, então conseguimos os artigos, o que era o mais importante. E foi bastante trabalho, muitas horas de dedicação. Como disse antes, não tinha formação de

¹⁴ International Standard Serial Number, trata-se de um número de 8 dígitos que identifica de forma única e exclusiva títulos de publicações contínuas e sem uma data definida para o seu fim, como jornais, revistas, periódicos, anuários e boletins.

designer gráfico, e tive que inventar um jeito de fazer com o pouco que tinha aprendido até então.

Criei a identidade visual da revista a partir das referências que eu tinha. Uma coisa boa na faculdade, talvez ainda exista, mas quando eu era aluno, lá na Villa Santa Eulália, a biblioteca da faculdade tinha muitas revistas. Tinha a Domus, que é muito boa. E tinha a L'Architecture d'Aujourd'hui, uma revista francesa, eles assinavam também. Lembro que passava um tempão lá vendo tudo. Como não havia muita coisa na internet, era lá que estavam as fontes, nas revistas e nos livros: coisas que eu via na biblioteca da faculdade.

A foto da capa, é do assento de um banco lá no pátio da Casa 2¹⁵. Eu tirei aquela foto, analógica ainda. E foi aquela foto que a gente usou para fazer a capa.

| Como essa experiência contribuiu para a sua formação enquanto profissional?

Foi a minha primeira experiência de gestão de projeto, na verdade. E também foi legal desenvolver o design gráfico. Eu fiz e faço ainda, em maior ou menor escala, uso constante dessa ferramenta no meu trabalho. Fazendo um *moodboard*, ou sei lá... Isso permanece presente. E a experiência na direção de projetos.

| Sobre a continuidade da revista

Depois que fizemos a primeira edição, pensei: “será que vão fazer um segundo número?” Em seguida, eu me formei e saí do Brasil. Retornei brevemente à faculdade em meados dos anos 2000, durante um dos períodos que passei no Brasil, participando, durante seis meses, de um projeto de pesquisa sobre tipologias e arquitetura vernacular brasileira. Havia inclusive um pôster lá no NEAB com desenhos de umas casinhas em perspectiva isométrica. Vocês se lembram? Nessa época, o segundo número da Projectare ainda não havia sido publicado.

¹⁵ Praça Coronel Pedro Osório, nº 2, em Pelotas.

| Sobre a avaliação

Não havia nada a avaliar, bem ao contrário. Era um pessoal com percursos sólidos, relevantes nas suas áreas de atuação respectivas, vinculados às universidades brasileiras e estrangeiras renomadas. Estávamos agradecidos por eles aceitarem participar do nosso projeto. Nós queríamos uma publicação de um bom nível e essas pessoas tiveram a gentileza de nos acompanhar, confiando no nosso bom senso.

| Como te sentes 25 anos após essa primeira edição? Como te sentes sabendo de toda essa trajetória? E o que espera para os próximos anos da Projectare?

Eu fico super feliz de ter participado da criação desse veículo que perdurou e que continua sendo útil e importante para a faculdade. É uma alegria. O que eu espero? Espero que haja sempre mais edições e mais e mais gente para publicar. Agora com o doutorado na faculdade – eu não sabia da existência desse programa – acho que a revista deve ser muito útil. É nesse contexto que ela faz mesmo sentido: em conjunto com um programa de pós-graduação que possa alimentá-la.

| O que você achou da experiência de lembrar a Projectare?

Super legal. Eu tive um vínculo grande com a faculdade. E, claro, foi a raiz do que eu fiz depois, então... Feliz que vocês tenham lembrado. Foi um projeto feito de forma um pouco desgovernada, em fase com a nossa juventude. Eu era muito jovem, todos nós éramos. Em uma época muito diferente. O Sylvio às vezes me diz, quando nos encontramos: “Tu te dá conta que tu fundaste uma revista, guri?” E eu digo: “É, pois é”.